

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1341 - 18/04/2016 a 30/04/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

MOBILIZAÇÃO

AVOZ DO CAMPO EM BRASÍLIA

Senado

Veja quais são os próximos passos

Caravanas

Vamos tirar o Brasil da lama!



CADASTRO AMBIENTAL RURAL

FALTAM

18

DIAS PARA O TÉRMINO DO PRAZO

www.sistemafaep.org.br

O leitor deve ter percebido que seu Boletim Informativo demorou uns dias a mais para chegar. É que não poderíamos deixar de dar as boas notícias do fim de semana: com o voto de 367 deputados, a Câmara Federal abriu o processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff. Por isso adiamos o fechamento da revista, que chega agora às suas mãos.

A democracia venceu. Falta agora o Senado cumprir o trâmite constitucional, dando seguimento ao processo, concedendo o direito de defesa a Dilma e realizando o julgamento formal. Não temos dúvida de que, agora, é questão de tempo para que o país entre em uma nova fase.

Nos resultados daquela longa votação do domingo, há muito da influência das organizações representativas do produtor rural e da própria FAEP. Nós não vamos descansar enquanto este país não mudar. Vamos manter nossa vigilância sobre os parlamentares. Vamos garantir o cumprimento da lei. As pedaladas fiscais que desestabilizaram nossa economia e a corrupção que vem onerando o Estado não vão prosperar.

Está só começando.

Boa leitura!

Índice

Agrinho	03
Comissão de Grãos	04
Invasões	06
Exportações	10
Febre Aftosa	12
Fundepec	13
Impeachment	14
Solos	36
Pecuária de Corte	38
Suinocultura	40
Suinocultura/Impostos	45
Via Rápida	46

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1341: Fernando Santos, Eugenio Novaes, Hermínio Oliveira, APPA, Divulgação e Arquivo FAEP

A pedagogia da pesquisa

Sistema FAEP/SENAR-PR inicia eventos para capacitar 4,5 mil professores e pedagogos das redes públicas do Paraná



Neste ano o SENAR-PR e a Secretaria de Estado da Educação (Seed) elaboraram um calendário de seminários presenciais para capacitar 4,5 mil professores e pedagogos das redes públicas estadual e municipais, para utilização da metodologia do Programa Agrinho. A parceria entre as instituições acontece desde 2011 e permite a formação continuada dos docentes. Os primeiros encontros aconteceram em Assis Chateaubriand, Toledo, Foz do Iguaçu, Irati e União da Vitória.

A proposta pedagógica do Programa Agrinho se baseia na pedagogia da pesquisa e tem por essência o trabalho com os temas transversais previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do Ministério da Educação. O Programa Agrinho é desenvolvido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR há 21 anos.

Nos dias 26, 27 e 28 de abril os encontros estão agendados em Goioerê, Ivaiporã e Campo Mourão. A proposta é que os participantes atuem como multiplicadores do conteúdo nas suas escolas. Os palestrantes dessa semana são: pela manhã, Evelise Maria Labatut Portilho com a palestra “Estilos de aprendizagem e ensino na formação continuada” e a tarde, Lucymara Carpim, com a palestra “Aprendizagem colaborativa”.

Confira os locais dos seminários da próxima semana, que acontecem nos dias 3, 4, 5 e 6 de maio. Pela manhã o palestrante é Marcos Silva com o tema “A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa” e a tarde Suzete Terezinha Orzechowski com o título “Aprendizagem colaborativa”.

- **Jacarezinho, terça-feira (3/5)** - prédio Integrar do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)/Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Rua Padre Melo, 1.200, Jardim Marimar.
- **Cornélio Procópio, quarta-feira (4/5)** – Anfiteatro UENP Campus Cornélio Procópio – Av. Portugal, nº 340, Centro.
- **Apucarana, quinta-feira (5/5)** – Salão Nobre do Núcleo Regional da Educação, Rua Doutor Munhoz da Rocha, 310 – Centro.
- **Londrina, sexta-feira (6/5)** – Parque de Exposição Governador Ney Braga, auditório Milton Alcover, Avenida Tiradentes, 6355.

A safra até agora

Variedades precoces de soja foram prejudicadas pelo clima.
Área de trigo pode cair até 30% em algumas regiões



A conjuntura por região, a Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA) e o Manejo Integrado de Pragas (MIP) foram os principais temas abordados na reunião da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas, ocorrida na segunda-feira (11 de abril) na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba.

Durante o encontro, produtores e líderes sindicais relataram as principais dificuldades e problemas na safra 2015/2016. Segundo o presidente da Comissão, Ivo Arnt Filho, na região de Tibagi as lavouras de soja precoce foram prejudicadas pelas condições climáticas. “Quem plantou a soja mais tarde conseguiu ter uma produtividade melhor”, observou. Além disso, de acordo com ele, a área destinada ao trigo deve ser menor devido aos prejuízos na última safra. A mesma situação pode ocorrer em Palmeira, região dos Campos Gerais, onde a estimativa é de uma queda de 30% na cultura.

Na região de Ivaiporã, os produtores tiveram perdas significativas na cultura de soja. “Nós perdemos em produção, assim como também na qualidade da oleaginosa”, contou o presidente do sindicato local, Lourival Roberto da Silva de Goes. Na região de Piranga, a soja perdeu produtividade devido à ferrugem asiática.

Os participantes da reunião também tiveram a oportunidade de conhecer as mais recentes melhorias realizadas no Porto de Paranaguá, uma das principais portas de saída dos grãos brasileiros. O diretor comercial da APPA, Lourenço Fregonese, repassou aos presentes que R\$ 511 milhões foram investidos no terminal, por meio da troca de quatro shiploaders, compra de equipamentos como guindastes, balanças e tombadores e cinco dragagens, entre outras obras de logística e infraestrutura. Esse conjunto de melhorias permitiu elevar em 30% a capacidade de movimentação no embarque de grãos. “Ainda estamos longe do ideal e temos muitos projetos para implantar. Mas atualmente somos o melhor porto do Brasil”, destaca Fregonese.

Durante o encontro, o coordenador técnico da Emater na regional de Cornélio Procópio, Fernando Teixeira de Oliveira, apresentou um panorama da prática do Manejo Integrado de Pragas (MIP) nas 200 Unidades de Referência em todo o Estado. Segundo ele, nas unidades demonstrativas monitoradas pela Emater, com apoio da Embrapa e parceiros, a aplicação de inseticida durante todo o ciclo de desenvolvimento da soja caiu de uma média de 2,1 vezes na safra passada (14/15) para 1,5 vez na atual safra.

MIP no manejo da lavoura

Diante desse resultado, o SENAR-PR lançou o curso Inspetor de Campo em MIP Soja. O trabalho é resultado de uma parceria com a Embrapa Soja Unidade Londrina e a Emater. “O nosso objetivo é divulgar as vantagens do uso do MIP e mostrar ao produtor rural que onde há pragas também existe os predadores naturais”, explica o técnico e engenheiro-agrônomo Leandro Alegransi, do SENAR-PR.

Segundo ele, a demanda pelo curso surgiu durante o lançamento do Programa Plante Seu Futuro em 2013. “Com o programa, começamos a alinhar o curso com a Embrapa e a Emater”, acrescenta Leandro.

O curso terá a duração de 40 horas, divididas em duas etapas. A primeira envolve a fundamentação teórica. Insetos pragas, inimigos naturais das pragas da soja, estádios fenológicos da planta de soja, amostragem dos insetos, níveis de controle e manejo das pragas fazem parte do conteúdo do curso. Na segunda etapa, os participantes vão à prática: nas lavouras irão identificar pragas e naturais.

Formação

No último dia 15 de abril, um grupo de 15 de instrutores e mais de 10 estudantes de Agronomia concluiu formação de instrutores no MIP na Embrapa Soja, em Londrina. Durante as aulas, os participantes aprenderam sobre os protocolos de condução de lavoura, como vistorias semanais, amostragem (batida de pano), entre outras práticas.



MIP SOJA

Saiba mais sobre o curso

Turma:

12 a 16 participantes

Requisitos para participar do curso

- Participantes alfabetizados
- Desejável experiência no cultivo de soja
- Um talhão de aproximadamente cinco hectares para condução no MIP SOJA



Plante seu Futuro

A Campanha foi lançada pelo governo do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab), junto com vários órgãos e instituições parceiras, entre elas o Sistema FAEP/SENAR-PR. O trabalho tem como proposta ações permanentes de divulgação e capacitação de boas práticas agrícolas no campo com as tecnologias já disponíveis para profissionais e produtores rurais.

Sem lei e sem ânimo

A realidade de Quedas do Iguaçu: empresários desestimulados a fazer novos investimentos e a população acuada assiste as oportunidades de trabalho diminuindo a cada dia

Por *Katía Santos*



A população de pouco mais de 30 mil habitantes (IBGE 2010), do município de Quedas do Iguaçu, região Sudoeste do Paraná, sempre desejou uma vida pacata como em qualquer cidade do interior. Mas as invasões promovidas pelos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que acontecem há quase 30 anos, atrapalham a rotina dos cidadãos comuns e a economia do município. Ações de intimidação dos moradores são constantes, e a morte de dois integrantes do MST em confronto com a Polícia Militar, no dia 7 de abril, acirrou ainda mais os ânimos. Os invasores passaram a fazer ameaças contra a vida de autoridades locais e acenam com novas ocupações, inclusive em casas na área urbana.

Em março deste ano o MST promoveu mais duas ações na cidade. A primeira foi na madrugada do dia 8, quando mulheres ligadas ao movimento destruíram um viveiro de mudas da empresa Araupel. O local tinha 1,4 milhão de mudas de pinus, eucaliptos e espécies nativas da região, como ipê (roxo, branco e amarelo), pitangueira e cedro. Na madrugada seguinte (9 de março), a invasão foi em uma propriedade rural vizinha a área da Araupel.

As consequências das ações violentas do MST não se restringem às disputas jurídicas, que ocorrem nos ambientes organizados dos tribunais estaduais e federais. Elas extrapolam os limites dos processos e deixam marcas permanentes na vida das pessoas, como é possível verificar no desabafo de um produtor rural, que teve a propriedade invadida em 2004

() todos os nomes dos entrevistados foram omitidos para preservar a segurança pessoal das fontes*

no município: “Tiraram tudo da gente, a saúde, a tranquilidade e a propriedade que garantia nosso sustento. Fomos para a Justiça, que é o meio legal, ganhamos em todas as instâncias, mas nada aconteceu. Não houve reintegração de posse nem indenização. Viramos empregados para manter nossa família. Como uma pessoa se sente diante de uma situação dessas?”.

Apesar do tempo transcorrido, 12 anos, ele ainda se revolta não apenas com a perda material, mas com a sensação de impotência com relação às consequências que a invasão causou na família. “No dia da invasão fomos acordados aos gritos com a mensagem de que não tínhamos mais direito a nada. Nossa casa não era mais nossa, não tínhamos mais direito a propriedade que meu pai trabalhou anos para conseguir. Minha esposa e meu filho, na época uma criança pequena, até hoje sofrem com as consequências do trauma psicológico”, afirma.

Na época a família tinha se mudado para Quedas do Iguaçu com planos de construir uma casa na cidade e manter a atividade de pecuária de corte e cultivo de grãos na propriedade. “Depois do impacto tivemos que nos organizar e buscar uma nova forma de sustento. Viramos empregados, fazendo a única coisa que sabíamos fazer, trabalhar no campo. A sensação que sinto hoje é desolação. Afinal, onde está a justiça? Onde estão os nossos direitos?”

“Viramos uma Síria”

Assim como esse cidadão, vários moradores de Quedas do Iguaçu viram as oportunidades de trabalho e crescimento pessoal irem pelo ralo. A Associação Comercial e Industrial do município estima que, desde a volta do MST à cidade promovendo novas

invasões, mil postos de trabalho foram extintos ou fechados tanto no campo como na cidade.

A atividade comercial amarga uma queda de 40% do movimento em todos os segmentos. “Estamos passando por uma crise econômica, mas no nosso caso a redução é decorrente do receio das pessoas. Muitos habitantes são funcionários da empresa Araupel, eles têm medo de que a empresa saia da cidade, por isso evitam as compras”, revela um lojista.

Em uma volta pelo centro da cidade é possível computar mais de 30 pontos comerciais fechados. O setor de materiais de construção, que funciona como um termômetro de novos investimentos também registra perdas acima de 40%. Temendo represálias os empresários não falam com a imprensa, mas ex-funcionários informam que o número de empregados dessas lojas foi reduzido pelo menos em 50%.

“Falta ânimo na cidade para novos investimentos. Quem consegue trabalho em outra cidade vai embora sem pestanejar. Em muitos casos não levam nem a mudança, por isso temos várias casas vazias na cidade. Viramos uma verdadeira Síria, infelizmente estamos em guerra. Não é isso que a gente quer, queremos a paz, a ordem, o desenvolvimento”, relata um empresário.

Outro reflexo da intimidação que a população sofre é o mercado de imobiliário. Um corretor de imóveis, que atua há mais de oito anos na cidade, conta que sobram imóveis tanto urbanos como rurais, e os preços despencaram em média 40%. “Antes não tinha terra para vender e o preço por hectare era de 1,2 mil sacas de soja. Hoje sobram terras. O valor por hectare não chega e 1 mil sacas, mas ninguém compra. As casas que antes eram vendidas por R\$ 180/200 mil hoje estão anunciadas por R\$ 130 mil, mas não tem comprador”.



Invasores destroem área cultivada da Araupel em Quedas do Iguaçu

Terra de ninguém

Os moradores contam que nos últimos dois anos a cidade vive um clima que lembra os filmes de faroeste “terra de ninguém”. “As pessoas estão apavoradas, a insegurança é geral. À noite a cidade vira um deserto. Você pode me perguntar: e a Força Nacional de Segurança (FNS) que estava na cidade para garantir a segurança desde dezembro de 2015? Pois é, estavam, mas não faziam nada, não atendiam um chamado de roubo ou de assalto. A chegada da Polícia Militar, em março, foi a nossa salvação”, desabafa um morador.

Por ordem do governo do Estado, no início de março, um grupo de policiais militares do Centro de Operações Especiais Policiais (COPE), dois helicópteros e outras unidades táticas foram deslocados para fazer o policiamento em Quedas do Iguaçu. Após o confronto entre integrantes do MST e policiais militares um grupo de 28 integrantes da Força Nacional retornou no dia 11 de abril ao município, para reforçar o policiamento por tempo indeterminado.

No mesmo dia o comando da Polícia Militar da região anunciou a permanência de um contingente na cidade. “Não podemos divulgar, mas o número de assaltos cresceu significativamente. Com a chegada da PM a situação foi um pouco controlada, esperamos que isso continue”, informou o tenente coronel Washington Lee. Segundo Lee, aproximadamente 10 mil sem-terra estão pela região.

A decisão da juíza (de primeira instância) da 1ª Vara Federal de Cascavel, Lília Côrtes de Carvalho de Martino, de 27 de maio de 2015, que declarou a posse da União de todas as terras do Rio das

Cobras funcionou como gasolina na fogueira. “A partir da divulgação dessa sentença, os integrantes do MST se sentiram donos da cidade”, conta um dos moradores.

Um exemplo disso é o relato sobre o dia do confronto (7/4) entre invasores e a PM. Um dos ônibus que faz o transporte escolar dos alunos da rede pública de duas escolas localizadas na região ocupada pelo MST há 17 quilômetros do centro da cidade – Escola Municipal Salto Osório (130 alunos) e Colégio Estadual Castro Alves (200 alunos) – foi depredado e apedrejado pelos integrantes do movimento. O vandalismo aconteceu quando o ônibus se deslocava para iniciar o transporte dos escolares, por volta das 5h30. A informação foi confirmada pela Secretaria Municipal da Educação, que frisou que nenhum estudante estava no interior do veículo.

Segundo o advogado da Araupel, Leandro Salomão, a decisão da juíza de Cascavel foi revertida em instâncias superiores, mas o empoderamento dos invasores ainda persiste.

No dia seguinte ao confronto as aulas foram suspensas em todas as escolas da rede municipal da cidade. Para garantir a integridade dos alunos, nas escolas Salto Osório e Castro Alves as aulas têm sido suspensas com maior frequência.

Entre os professores, o clima tem sido de medo e apreensão. Outra medida preventiva adotada pela Secretaria para aumentar a segurança dos alunos é em relação a festas comemorativas que acontecem no Parque de Exposição da cidade e reúne todas as escolas municipais. Para essas ocasiões o município contrata seguranças particulares. “Tentamos levar uma vida normal, mas o clima de medo e a insegurança são grandes entre os professores”, revela um funcionário da secretaria.

Foi “ato isolado”, diz ouvidor agrário

Nos dias 11 e 12 de abril, o ouvidor Agrário Nacional, Gercino José da Silva Filho, esteve na sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Curitiba. Ele veio discutir o conflito por posse de terras em Quedas do Iguaçu. “O confronto entre os sem-terra e policiais em Quedas do Iguaçu deve ser considerado um ato isolado”, afirmou. Ele elogiou a postura do governador Beto Richa pelas ações que adotou na área. “Nos últimos tempos, principalmente o governo atual, tem dado um apoio muito grande para essas questões agrárias. Como, por exemplo, a designação de um secretário que trata com exclusividade essas questões e a criação de uma polícia militar agrária”, comentou.



Tenente-coronel Washington Lee

Problema antigo

A disputa por terras pelos integrantes do MST ocorre na região há praticamente três décadas. Em Quedas a empresa gera 2,3 mil empregos diretos e indiretos e injeta na economia R\$ 50 milhões por ano em salários e investimentos. A Araupel atua há mais de 40 anos em Quedas do Iguaçu, já cedeu 51 mil hectares ao MST entre 1996 e 2003, período em que foram assentadas 2,7 mil famílias.

Conheça a cronologia das invasões em Quedas do Iguaçu

- 17/04/96 - Invasão de 3 mil famílias lideradas pelo MST, envolvendo 10 mil pessoas;
- 05/07/96 - Primeiras denúncias ao Ibama e ao IAP sobre a derrubada da floresta nativa e a caça indiscriminada de animais silvestres;
- 02/08/96 - Relatório do Ibama alerta sobre o perigo da degradação ambiental irreversível;
- 09/08/96 - Ibama encaminha relatórios ao INCRA pedindo que cessem o desmatamento e a caça;
- 16/01/97 - Área de 16.852,16 hectares são destinados para a reforma agrária;
- 05/08/97 - Invasão do MST ocupando 10 mil hectares remanescentes;
- 09/10/97 - Novas denúncias de desmatamento. Porém, o

Ibama só consegue entrar na área, após autorização do MST;

- 1999 a 2000 - Três novas invasões promovidas pelo MST com completa devastação devido ao desmatamento e às queimadas;
- 2009 - O local continua de posse do MST que não permite pesquisadores, fiscais ou técnicos para colher dados da área;
- 16/07/2014 - (BI – 1268) - Mil famílias, cerca de cinco mil pessoas ligadas ao MST, invadiram áreas de terras da Araupel. Foi a quarta vez que o MST, que já mantinha assentamentos na região, invadiu áreas da madeireira;
- 06/07/2015 (BI – 1310) - No dia 6 de julho de 2015, mais de mil integrantes invadiram o Projeto Quatro, onde ficava a área de lazer dos funcionários da empresa. A área tinha nove mil hectares de pinus prontos para o corte. Segundo o diretor administrativo financeiro da empresa, Tarso Giacomet, do total da área invadida, 1,4 mil hectares de reflorestamento foram destruídos pelos membros do MST.

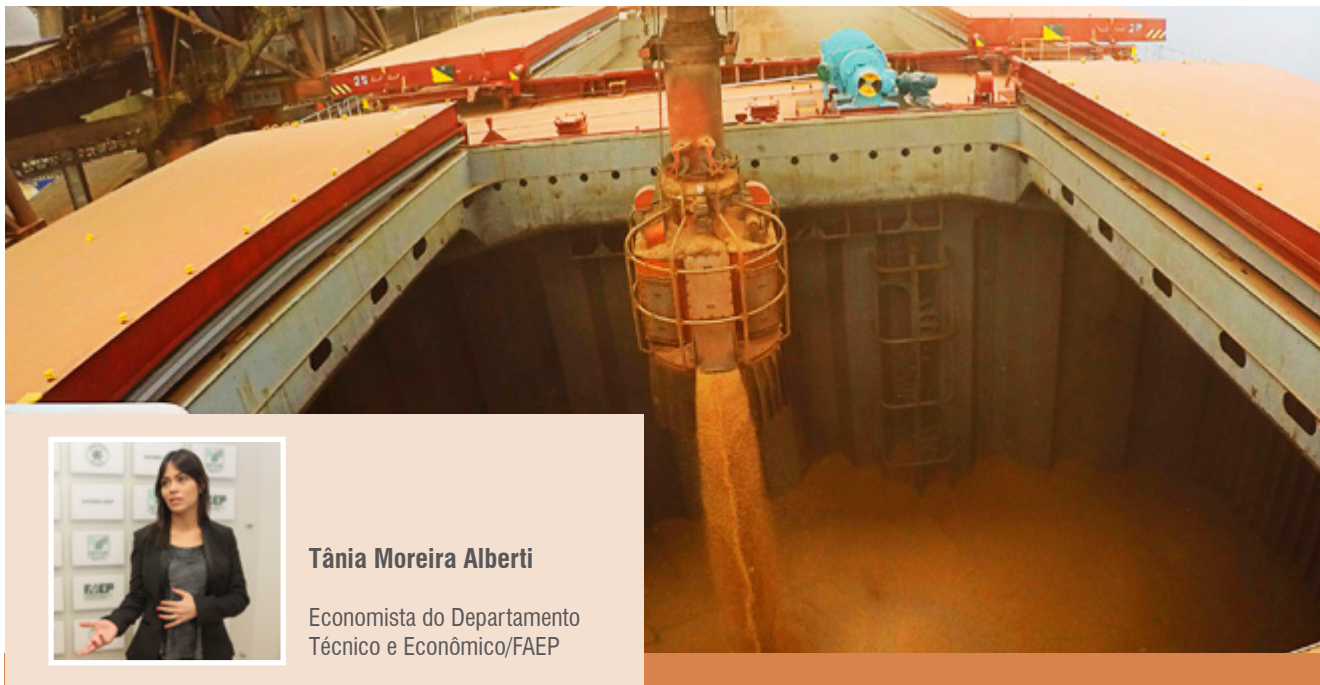
Protesto da população

Cerca de duas mil pessoas se concentraram na principal praça da cidade de Quedas do Iguaçu, no dia 31 de julho de 2015. Com faixas, cartazes e bandeiras brancas, pediram que o governo cumpra a reintegração de posse. A manifestação reuniu autoridades locais e regionais e teve a participação de Tarso Giacomet, diretor da Araupel. A manifestação foi promovida por entidades classistas do município.



Você vale mais

Participação do agronegócio nas exportações paranaenses cresceu 12% no primeiro trimestre



Tânia Moreira Alberti

Economista do Departamento Técnico e Econômico/FAEP

No primeiro trimestre de 2016, o Paraná obteve receita de US\$ 3,36 bilhões com exportações. Este valor cresceu 12% em relação ao mesmo trimestre do ano passado e o Estado encerrou os três primeiros meses do ano com saldo comercial positivo, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Muito deste resultado se deve ao agronegócio paranaense, que representou 79% das exportações totais do Estado, garantindo fechamento positivo da balança comercial. Sem o agronegócio o resultado seria negativo em US\$ 1,4 bilhão no trimestre.

Nos três primeiros meses, a cifra exportada pelo agronegócio foi de US\$ 2,67 bilhões, com crescimento de 16% em relação ao mesmo período de 2015. O volume exportado somou 5,9 milhões de toneladas, 57% maior que no mesmo período de 2015, o melhor resultado dos últimos anos, apesar dos desafios políticos e econômicos que assolam o país.

A desvalorização cambial ajudou a tornar os produtos nacionais mais competitivos no exterior e tem contribuído para suavizar a queda do preço internacional das commodities, a despeito do encarecimento dos custos de produção no campo.

O complexo soja foi o grupo de maior valor exportado representando 42% do valor total exportado pelo agronegócio no primeiro trimestre, seguido do complexo carnes (22%), produtos florestais (14%) e cereais, fibras e preparações (9%).

Complexo soja

As exportações do complexo soja no trimestre somaram a quantidade de 3,16 milhões de toneladas, como o maior volume já exportado nos últimos anos, com o valor de US\$ 1,12 bilhão.

A soja em grãos foi o principal produto exportado com o volume recorde de 2,31 milhões de toneladas, comparado as 986 mil toneladas exportadas no mesmo período de 2015. O valor exportado foi de US\$ 810,50 milhões, embora o preço médio de exportação tenha sido menor que os preços em dólares de 2015 e 2014.

O preço médio em dólares para o mês de março na Bolsa de Chicago foi em média 30% inferior aos preços das últimas cinco safras para o mês de março. A desvalorização cambial favorece o produto brasileiro, dificulta as exportações americanas e reconduz o Brasil ao posto de maior exportador mundial de soja, resultado que já foi alcançado em 2015.

O valor exportado de farelo e óleo de soja foi de US\$ 312,78 milhões no trimestre, recuando respectivamente 13% e 17% em relação ao mesmo trimestre de 2015.

O principal país de destino da soja paranaense foi a China, com participação de 88% no valor exportado. O Paraná foi o segundo Estado maior exportador, precedido por Mato Grosso.

Complexo carnes

As exportações paranaenses do complexo carnes somaram US\$ 596,6 milhões, com o volume exportado de 408,96 mil toneladas. A quantidade exportada cresceu 15% e foi o melhor resultado exportado desde 1997, apesar do recuo de 0,1% no valor exportado, com recuo de 13% do preço médio em dólares, segundo o MDIC.

Em volume e valor exportado, o destaque do grupo foi a carne de frango, com 365,5 mil toneladas exportadas, a maior quantidade já exportada na série histórica para o trimestre janeiro a março, apesar da redução de 5% no valor exportado, com redução no preço médio em dólares.

Os principais países de destino foram: Arábia Saudita (20%), China (16%), União Europeia (12%) e Japão (10%). E o Paraná foi o principal Estado exportador no trimestre.

O segundo grupo de maior importância no valor exportado foi a carne suína

com crescimento de 49% no valor exportado. O volume exportado cresceu 97% totalizando 20,3 mil toneladas, caracterizando recorde na série histórica. Os principais destinos foram: Hong Kong (49%), Uruguai (18%) e Argentina (12%).

A carne bovina registrou recorde na série histórica em valor e volume exportado, com queda de 1% do preço em relação ao mesmo trimestre de 2015. O volume exportado foi de 9,9 mil de toneladas. Os principais destinos foram: Hong Kong (33%), Irã (32%), Chile (19%) e Rússia (10%).

Produtos florestais

O valor exportado pelo grupo de produtos florestais foi equivalente a 14% do valor exportado pelo agronegócio paranaense no primeiro trimestre de 2016. O valor exportado reduziu 3% em relação ao mesmo trimestre de 2015 e o volume exportado cresceu 22%, com recuo

de 20% no preço médio de exportação em dólares. Os principais destinos foram Estados Unidos (24%), União Europeia (21%), Argentina (9%) e China (8%).

Cereais, farinhas e preparações

Este grupo representou 9% do valor exportado pelo agronegócio paranaense no trimestre com destaque para as exportações de milho, que cresceram 74% em valor e 99% em volume exportado em relação a 2015, apesar do recuo dos preços em dólares.

O volume exportado de milho passou de 603 mil toneladas para 1,2 milhão de toneladas. Os principais destinos foram: Vietnã (27%), Japão (25%), Taiwan (11%) e Indonésia (7%). O Estado foi o terceiro maior exportador, antecedido por Mato Grosso e Goiás.

Exportações do Agronegócio Paranaense - 1º semestre

Grupo	2015 Valor (US\$)	2016 Valor (US\$)	(%)	2015 Peso(t)	2016 Peso(t)	(%)	Preço Médio US\$ (%)
TOTAL DO AGRUPAMENTO	2.301.824.933	2.670.018.748	16%	3.788.542	5.945.568	57%	● -26%
COMPLEXO SOJA	758.621.254	1.123.288.877	48%	1.749.986	3.166.076	81%	● -18
SOJA EM GRÃOS	393.088.292	810.509.177	106%	985.528	2.317.667	135%	● -12%
FARELO DE SOJA	245.722.702	213.367.988	-13%	608.988	702.007	15%	● -25%
ÓLEO DE SOJA	119.810.260	99.411.712	-17%	155.470	146.402	-6%	● -12%
CARNES	597.240.585	596.642.462	-0,1%	354.721	408.964	15%	● -13%
CARNE DE FRANGO	530.446.634	503.484.538	-5%	327.392	365.561	12%	● -15%
CARNE SUÍNA	25.801.345	38.425.514	49%	10.366	20.387	97%	● -24%
CARNE BOVINA	13.234.859	32.031.370	142%	4.070	9.989	145%	● -1%
PRODUTOS FLORESTAIS	376.781.395	367.276.201	-3%	440.308	539.215	22%	● -20%
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	155.013.098	235.277.896	52%	762.127	1.391.253	83%	● -17%
MILHO	111.382.219	194.062.650	74%	603.562	1.200.832	99%	● -12%
CAFÉ	92.212.201	101.359.788	10%	16.133	23.481	46%	● -24%
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	145.143.710	97.211.737	-33%	387.041	329.754	-15%	● -21%
OUTROS	153.473.785	123.539.422	-20%	52.078	57.100	10%	● -21%

Fonte: MDIC. Elaboração DTE | Sistema FAEP

Com os dias contados

Em encontro no Uruguai, comissão definiu medidas para erradicar a doença até 2020



A febre aftosa está com os dias contados nos 13 países que compõem a Comissão Sul-Americana para a Luta Contra a Febre Aftosa (Cosalfa). Recentemente, na 43ª Reunião Ordinária da Cosalfa, realizada nos dias 7 e 8 de abril, em Punta del Este, no Uruguai, representantes dos setores público e privado deste grupo de nações definiram sete resoluções para intensificar o trabalho de erradicação da doença até 2020 para as que completarem os procedimentos. A Comissão é composta pelo Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Uruguai.

O pacote de medidas inclui, entre outras, a implantação do guia técnico de trabalho pelos 13 países como parte da estratégia para o cumprimento do Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA). O caderno de especificações, que inclui orientações técnico-epidemiológicas e metodologias, foi desenvolvido pelos delegados na 5ª Reunião Extraordinária da Cosalfa 42 no IV Encontro Nacional de Defesa Sanitária Animal (Endesa), em outubro do ano passado, em Cuiabá.

Agora aprovado, os países estão autorizados a implantar a metodologia da cartilha. “O guia técnico, conforme for implantado

em sintonia pelas áreas pública e privada, permite o avanço por etapas, sempre respeitando a autonomia de cada país, para erradicação da doença”, ressalta Antonio Poloni, consultor da FAEP e observador da Cosalfa, que participou da reunião no Uruguai.

Outra medida de extrema importância é a criação de um banco de vacinas, para dar respaldo imediato em situação de emergência. Desta forma, caso um eventual foco da doença fosse confirmado, o país em questão recorreria à reserva de imunização. “Existe essa possibilidade. Então temos que estar preparados para o socorro”, diz Poloni.

O projeto de criação do banco de vacinas será atualizado nos próximos 30 dias pelos técnicos do Centro Panamericano de Febre Aftosa (Panaftosa). Posteriormente, os delegados dos países terão 45 dias para revisar o documento e fechar a proposta final. A apreciação do documento para “bater o martelo”, comenta Poloni, será durante a reunião do Comitê Hemisférico para a Erradicação da Febre Aftosa (Cohefa), no próximo mês de julho, no Paraguai.

Além do viés sanitário, o combate a febre aftosa passa por questões econômicas, o que reforça a necessidade das ações. Atualmente, a sanidade é uma barreira legal para negócios entre os

países. Ou seja, conforme a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) reconhece como área livre de febre aftosa sem vacinação, novos mercados se abrem.

“Sanidade é economia, dá lucro. E precisamos vender para quem paga mais”, ressalta o consultor da FAEP. “Temos que concluir o processo sanitário para abrir novos mercados para as carnes bovina e suína, inclusive que pagam mais, como Japão, Coréia do Sul e México”, complementa.

Atualmente, 85% do território e 95% da população bovina da América do Sul estão livres da febre aftosa, com ou sem vacinação.

Fim da vacinação no Paraná

Entre os Estados brasileiros que estão em processo de buscar o status de área livre da doença sem vacinação, o Paraná é um dos mais avançados. No início do ano passado, o governo estadual, por meio da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab), chegou a anunciar que 2015 seria a última campanha de vacinação.

Porém, a dificuldade para implementar todas as medidas necessárias para obter o aval, como a contratação de novos técnicos para a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) e a conclusão das obras de adequação dos 23 postos de fiscali-



zação nas regiões de divisa, fez o Estado adiar o processo junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e, posteriormente, a OIE. Assim, a campanha de vacinação marcada para começar no próximo mês de maio está confirmada. Mesmo assim, a Seab garante que a busca do reconhecimento externo segue nos planos.

Atualmente, no Brasil, apenas o Estado de Santa Catarina é reconhecido como área livre da febre aftosa sem vacinação.

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	32.379.236,95	-	2.341.952,64	-	39.018.622,65
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.373.221,38	-	181.518,99	-	15.725.628,21
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.287.913,81	-	-	-	7.112.448,44
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	130.952,23	-	-	-	208.275,01
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	12.900,71	-	-	-	18.739,32
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	163.604,92	-	-	-	247.612,83
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.182,00	4.624.105,00	141.031,00	39.486.511,08	542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	62.253.759,02
SALDO LÍQUIDO TOTAL								62.253.759,02
Ágide Meneguette Presidente do Conselho Deliberativo				Ronei Volpi Diretor Executivo				Simone Maria Schmidt Contadora CO-CRC/PR-045388/O-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Com a alma lavada

FAEP e outras federações assumem protagonismo político para tirar o Brasil da lama



A corrupção, a necessidade de mudança e o descaso dado à agropecuária foram a motivação maior para que 30 caravanas do Paraná com 1,5 mil produtores rurais, lideranças sindicais e presidentes de sindicatos rurais, capitaneados pelo presidente da FAEP, Ágide Meneguette, se unissem aos milhares de brasileiros de todas as regiões do país que com camisetas amarelas tomaram a Esplanada dos Ministérios no domingo (17/4). O movimento pela aprovação na Câmara dos Deputados do processo de impeachment da presidente Dilma foi liderado nacionalmente pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), com a participação das federações da agricultura e do Movimento Brasil Livre, formando o movimento “Vamos tirar o Brasil da lama”.

O muro de placas de metal que separou os manifestantes durante a votação, dividindo o Brasil em grupos pró e contra o impeachment e chamado pela imprensa de Muro da Vergonha, lembrava o motivo de em torno de 20 mil produtores rurais terem se deslocado das mais diferentes regiões para estarem ali. Em menor número, os

contra o impeachment representavam os movimentos sociais que ameaçaram invasões e desordem por todo o Brasil. O estopim que ninguém esqueceu durante o decorrer do domingo foi o discurso do Secretário de Administração e Finanças da Contag, Aristides Santos, no Palácio do Planalto, no início de abril. Santos ameaçou invadir propriedades rurais como forma de pressionar parlamentares, ato que foi lembrado por deputados antes da votação e também pelas lideranças que se revezaram ao microfone na Praça Portugal na manhã que antecedeu as votações onde os produtores rurais de todo o Brasil estavam concentrados.

Às 13 horas os produtores rurais caminharam até a Esplanada dos Ministérios, local mais próximo do Congresso Nacional de onde era possível acompanhar a votação. Palavras de ordem como “Fora Dilma” se alteravam entre os discursos de diversas lideranças e paródias com as frases históricas do governo Dilma e o pedido de impeachment. A frase “Tchau, Querida” também ganhou força entre a população.



Ninguém duvidava de que estava participando de um momento que estará nas páginas dos livros de História do Brasil das próximas gerações. Em menos de 30 anos, o país viveu dois processos de impeachment de presidentes. Primeiro Fernando Collor e agora Dilma Rousseff. Se o momento foi histórico, a história não se encerra aqui, pois ainda falta muito para que seja atendido o principal clamor das ruas – o fim do governo do PT e a punição de todos os envolvidos nos recentes escândalos de corrupção. Para muitos o processo demonstra um amadurecimento político do Brasil com maior participação popular.

De qualquer forma, o resultado da votação na Câmara confirma que o PT não tem condições de governo. Ainda tem muita água para rolar debaixo dessa ponte, embora as dezenas de jornalistas internacionais que acompanhavam os acontecimentos desde a semana passada ainda tivessem dificuldade de entender o processo, inclusive a legitimidade de comando do presidente da Câmara, investigado na Operação Lava Jato.

Outra certeza é de que, assumindo Michel Temer, ele terá a difícil missão de conseguir que o Congresso continue a apoiá-lo para aprovação de medidas impopulares que possam ajustar a economia. O que se espera é que 367 seja o seu número da sorte.

Bastidores

Os dias que antecederam a votação foram de mudança de informações a cada minuto. Houve uma tempestade de questionamentos em meio a tantas novidades, inclusive juridicamente. A CUT recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para acompanhar a votação de dentro da Câmara.

A cada minuto do final de semana, as lideranças pró e contra o impeachment usavam suas estratégias para negociar os votos dos indecisos e conquistar mudanças de intenção de voto. Tanto governo como oposição jogaram forte nesta etapa do processo.

O clima era de uma grande eleição. Ao final, os deputados preocupados com suas bases eleitorais se renderam à pressão popular e o resultado de 367 a 137 foi comemorado como o de uma final de Copa do Mundo em todo o país.

Frente Parlamentar da Agropecuária

O final de semana foi atípico e fugiu à normalidade de Brasília. No sábado à noite a Câmara registrava a presença de mais de 400 deputados, algo insólito para esse dia e hora. Ministros exonerados e deputados que reassumiram para votar, todos querem o seu quinhão na história.

Foi um trabalho intenso e os deputados da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) atuaram fortemente para conseguir a adesão dos colegas indecisos. Com grande número de deputados, a FPA e a bancada paranaense votaram fortemente pelo impeachment, tendo como justificativas a crise econômica e apoio ao agronegócio.

Na sexta-feira (15), em reunião-almoço, e no sábado, com os presidentes das federações da agricultura de vários Estados do Brasil e diretoria da CNA, os membros da FPA reforçaram a importância de vigilância e de mobilização das lideranças e da população por meio de mensagens e contato com os deputados indecisos. Nas constantes reuniões o balanço dos votos era analisado a cada momento.

CNA

O posicionamento da CNA de apoio ao impeachment nasceu nas bases do sistema sindical. Sindicatos rurais e federações viram na atitude da Contag e de seu dirigente incitando um crime o estopim para que as entidades do setor tomassem uma posição. A CNA saiu na frente tendo grande influência no resultado da votação da Câmara. “É preciso acabar com a divisão do país, só a mudança permitirá isso. Agora está nas mãos do Senado dar continuidade às ações para que consigamos as mudanças desejadas”, afirmou o presidente da CNA, João Martins.

Na manhã de sexta-feira (15), cerca de 100 integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) cercaram o portão de entrada da sede da CNA ameaçando invadir o prédio. Os manifestantes atiraram bexigas com tinta vermelha e creolina atingindo os carros, a faixa do prédio e alguns funcionários.

É hora de programar o amanhã

Ágide Meneguette



O último dia 17 foi histórico para o Brasil. Por 367 votos a favor e apenas 137, os deputados federais aprovaram a continuidade do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, primeiro passo para resgatar a seriedade do país. Vale ressaltar que, dos 30 representantes do Paraná, 26 disseram “sim” ao processo, enquanto quatro foram contra as vozes vindas das ruas e dos produtores rurais.

Esse saldo positivo amplamente favorável, sem deixar dúvidas do descontentamento da população em relação ao governo atual, foi conquistado com muito esforço, trabalho e suor, tendo a FAEP papel importante no trabalho de mobilização junto aos deputados paranaenses. Fomos a Brasília, em caravanas com 1,5 mil produtores, para mostrar nossa insatisfação aos políticos. E atingimos o objetivo. Mostrando, mais uma vez, que o agronegócio paranaense é organizado e sempre se faz presente em fatos importantes, tanto no âmbito nacional como estadual.

Vencida a etapa na Câmara Federal, que cumpriu com sua parte, resta ao Senado cassar de vez a presidente Dilma Rousseff. Segundo estimativas de alguns senadores, isto poderá ocorrer ainda no mês de maio. Considerando os levantamentos informais realizados por alguns veículos de comunicação, é quase certo que o desenlace vai favorecer, novamente, o Brasil. De qualquer forma, repetiremos a mobilização para pressionar os senadores paranaenses para que votem a favor do Brasil.

Paralelamente à continuidade do processo, é preciso programar o dia de amanhã. Ao término da aprovação do impeachment, o Brasil começará uma nova etapa que, sem dúvida, exigirá sacrifícios do povo brasileiro. Não será possível fugir de uma arrumação geral da casa, até então saqueada pelos que assumiram o poder e transformada em circo por integrantes de movimentos sociais. Essa readequação passa por inevitáveis cortes orçamentários e aumento de impostos. Não haverá saída sem dor para resolver o grave impasse econômico em que o nosso país se encontra atualmente.

Como todos os brasileiros, os produtores rurais vão continuar sofrendo por um bom tempo. Contudo, o novo governo terá que ter consciência do papel fundamental que o agronegócio desempenha na economia brasileira, principalmente como o setor que gera superávits em nossa balança comercial, gera uma grande quantidade de empregos e assume a função de motor da renda

em todo o interior do país. Ou seja: esperamos, desde o primeiro dia em que o novo governo assuma, respeito, valorização da classe e reconhecimento do serviço que o agricultor realiza, extremamente fundamental para abastecer e alimentar a população.

Mesmo que não tenham recursos disponíveis, pois é de conhecimento público que os cofres estão vazios em função da má administração dos últimos anos, o governo federal – assim como o governo do Estado – terá que providenciar os investimentos necessários para movimentar a economia brasileira. Hoje são 10 milhões de desempregados. Considerando que atrás de cada um existem, em média, outras três pessoas, são 40 milhões de cidadãos vivendo em situação complicada, sem esperança de dias melhores caso o quadro econômico atual não seja revertido.

Novos investimentos são fundamentais para o resgate da confiança dos investidores e para a economia voltar a girar. Então, se os governos federal e estadual não têm recursos, que novas parcerias público-privadas saiam do papel. A iniciativa privada tem capacidade de providenciar novos investimentos para criar as condições necessárias para dotar o país de uma infraestrutura capaz de alavancar todos os setores da economia, inclusive o agronegócio, de forma direta ou indireta.

A chave da recuperação econômica brasileira está, não tenho dúvida, nas obras de rodovias, ferrovias e portos. Por incompetência, o atual governo não soube levar adiante esses projetos estruturais de suma importância. Foi incapaz de colocar novos editais de concorrência pública atrativos no mercado, com o objetivo que atrai as empresas privadas. O Plano de Concessões atual tem sido um fracasso total. Porém, o escopo pode ser o ponto de partida do próximo governo para dar o ânimo inicial que tire nosso país deste profundo buraco em que nos meteu dona Dilma Rousseff e o governo do PT.

Sem dúvida, a vitória na Câmara dos Deputados foi o primeiro passo para impedir que o Brasil se transformasse em uma anarquia. Porém ainda teremos muitos desafios, trabalho e, sem dúvida, esforços para devolver um Brasil sério, correto e digno para nossos filhos e netos. A caminhada para resgatar a seriedade do Brasil ainda exige novas etapas. Etapas essas que serão acompanhadas por nós agricultores, até a total retomada do país aos trilhos do crescimento e prosperidade, deixando às margens da estrada toda a corrupção e desmando dos últimos anos.

Mapa do Impeachment PARANÁ

Saiba como votaram os deputados federais do Paraná no processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff

A FAVOR



Luciano Ducci
PSB - PR



Marcelo Belinati
PP - PR



Alfredo Kaefer
PSL - PR



Nelson Padovani
PSDB - PR



Diego Garcia
PHS - PR



Fernando Francischini
SD - PR



Sandro Alex
PSD - PR



Alex Canziani
PTB - PR



Paulo Martins
PSDB - PR



Christiane Yared
PR - PR



Dilceu Sperafico
PP - PR



Luiz Carlos Haully
PSDB - PR



Evandro Roman
PSD - PR



Takayama
PSC - PR



Leandre
PV - PR



Osmar Serraglio
PMDB - PR



Luiz Nishimori
PR - PR



Leopoldo Meyer
PSB - PR



Rubens Bueno
PPS - PR



Hermes Parcianello
PMDB - PR



Sergio Souza
PMDB - PR



Giacobbo
PR - PR



João Arruda
PMDB - PR



Nelson Meurer
PP - PR



Ricardo Barros
PP - PR



Toninho Wandscheer
PSB - PR

CONTRA



Aiel Machado
REDE - PR



Assis do Couto
PDT - PR



Enio Verri
PT - PR



Zeca Dirceu
PT - PR

TOTAL



26



04

Depoimentos dos produtores



Ivo Pierin Júnior,
presidente do Sindicato Rural
de Paranaíba e vice-presidente
da FAEP

“Vale ressaltar a organização da FAEP e de outras federações do país, incentivadas pela CNA. Milhares de pessoas de todos os Estados brasileiros, representantes dos sindicatos de todo o país participaram desse momento importantíssimo da história nacional.”



Aristeu Kazuyuki Sakamoto,
presidente do Sindicato Rural
de Cambará

“Foi um dia muito importante e fizemos parte de um momento histórico do nosso país. O impeachment é essencial para a continuidade do nosso negócio. Após participar dessa manifestação, nós temos o sentimento de dever cumprido.”



Gustavo Ribas Neto,
presidente do Sindicato Rural
de Ponta Grossa

“Os produtores esperam respeito e que o país reconheça e valorize o nosso trabalho. Não precisamos ter uma Contag dizendo que vai invadir as nossas terras, e assistir a toda a bagunça provocada pelo MST. Precisamos de segurança para produzir.”



Francisco Nascimento,
presidente do Sindicato Rural
de Mandaguá e
vice-presidente da FAEP

“A nossa Federação, assim como a CNA, deram exemplo para o Brasil e até para o mundo de uma manifestação pacífica, ordeira e com muita organização. Eu acredito que nós iremos ser vitoriosos nessa batalha. Isso será apenas o início das mudanças que irão acontecer no nosso país.”



Dourvan Wetsphal,
presidente do Sindicato Rural
de Cidade Gaúcha

“A nossa expectativa é a vitória do impeachment. Tenho orgulho de ter participado dessa manifestação e parabenizo a todos que estiveram em Brasília lutando para que mudanças ocorram no nosso país.”



Mesaque Veres,
presidente do Sindicato
Rural de Irati

“Nosso país está passando por muitas dificuldades e tudo está paralisado. Chegamos a um momento crítico, então é necessário resolver essa situação para que o Brasil passe a respirar novamente.”



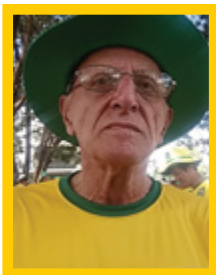
Walter Ferreira Lima,
presidente do Sindicato Rural
de Centenário do Sul

“Quando o diretor da Contag nos ameaçou com as invasões e quando vimos a presidente do Brasil cumprimentá-lo e abraçá-lo, ela afrontou a nossa Constituição. Nós estivemos em Brasília defendendo a democracia e nosso direito à propriedade. O governo perdeu a governabilidade e precisamos mudar isso.”



Nelson Natalino Paludo,
presidente do Sindicato Rural de Toledo

“Esse é um momento diferente e a participação dos produtores é muito importante. Nós precisamos ter uma segurança para saber o que vai acontecer no país daqui para a frente”.



Arceny Bocalon,
presidente do Sindicato Rural de São João

“Foram quase 29 horas de viagem para chegarmos na capital federal, mas estamos muito felizes de ter participado desse momento histórico.”



Anton Gora,
vice-presidente do Sindicato Rural de Guarapuava

“Foi muito emocionante participar desse evento e momento político no país. Estou me sentindo um verdadeiro patriota colaborando e contribuindo para que as futuras gerações tenham um futuro melhor.”



Narciso Pissinati,
presidente do Sindicato Rural de Londrina

“Todo o esforço de passar 13 horas num ônibus para chegar até aqui valeu a pena. O nosso sentimento é de querer mudanças para o nosso país.”



Aniversário na Esplanada

Entre o exército de produtores rurais que participaram da manifestação em Brasília, estava Euclides Paschoal Bergamo, de Centenário do Sul, região Norte do Paraná. No mesmo dia em que cobrava por mudanças no nosso país, comemorou os seus 78 anos. “Foi um dia especial por lutar por esse impeachment e comemorar mais um ano de vida”, disse.

O produtor rural de grãos passou mais de 17 horas num ônibus para chegar até Brasília. “Fui para defender a pátria brasileira”, contou, orgulhoso. Euclides lembrou ainda que participou do movimento de 1964. “Eu já fiz esse manifesto em 1964 e agora, com 78 anos, estava presente novamente. O povo brasileiro almeja por dias melhores e que esse país saia da lama”, disse, acrescentando que não podemos ficar com os braços cruzados diante do atual momento.

O que dizem os deputados



Luiz Nishimori (PR)

Trabalhei desde o início da semana passada no Congresso para que os colegas votassem a favor do impeachment. O povo brasileiro não aguenta mais. Nós realmente precisamos mudar para melhor, e para isso temos que tirar a presidente da República. Temos que trazer mais qualidade de vida e esperança para o povo brasileiro. Quero saudar todos os agricultores e a FAEP e dizer que a agricultura representa um terço do PIB nacional, responsável por 37% dos empregos formais do país, ajuda muito a balança comercial brasileira e ainda coloca alimento na mesa dos brasileiros. É o único setor que ainda não foi atingido pela crise, porque o agricultor não está dependendo muito do governo federal. É isso que os setores precisam, não depender do governo. Mas tanto governo federal como estadual devem ajudar o desenvolvimento da nossa agricultura. Por isso votei a favor do impeachment.



Nelson Padovani (PSDB)

A discussão é uma só: Houve crime? Sim, houve crime. Hoje falta dinheiro, principalmente, para o Programa de Sustentação do Investimento (PSI) para investimentos em máquinas, para que o produtor faça investimentos em tecnologia. Faltam recursos para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Faltam recursos para fomentar investimentos de empresários estrangeiros no país, porque o descrédito é grande dos investidores no Brasil. O país todo se ligou na votação do Congresso. É grande a expectativa da nação. Recebemos mensagens de eleitores do Paraná. Agora vamos ver um país diferente, resgatando o emprego e o trabalho. Não podemos passar pelo que estamos passando, empresas quebrando, concordatas, desemprego. Em nome do trabalhador e do produtor rural nós dissemos sim ao impeachment.



Sandro Alex (PSD)

O posicionamento da corte suprema do país, do Supremo Tribunal Federal (STF), ao dar legalidade ao processo é muito importante. Isso afasta definitivamente a tese do golpe. Com a corte suprema definindo ser constitucional e ser legal o processo de votação do impeachment no Congresso Nacional, nós vamos mostrar a população, que está sendo enganada, de que todas as instituições brasileiras estão em conluio. As instituições estão praticando seu trabalho, seja o Ministério Público, a Polícia Federal, os Tribunais de Contas, a Justiça e a imprensa livre. Isso é um detalhe importante. Claro que com a batalha perdida no campo das ideias e no convencimento do voto, parte-se para a agressão. O que nós estamos assistindo no Paraná hoje? A violência, os movimentos, a milícia fazendo o seu trabalho para assustar a população e nos amedrontar. Não, nós não vivemos em um Estado de Exceção, nós estamos em um Estado Democrático de Direito e vamos fazer prevalecer a Constituição.



Rubens Bueno (PPS)

A crise chama-se Dilma Rousseff. Ela saindo do governo teremos um novo momento: um Brasil “destensionado, um Brasil respirando. Teremos um momento que vamos buscar, no curto prazo, o mínimo de organização econômica, de autoridade moral para conduzir o Brasil. O Michel Temer já começa com 360 votos dos 513 deputados. Assim ele terá todo o apoio para tirar o país da situação em que se encontra. Se formos buscar números veremos que o Produto Interno Bruto (PIB) está crescendo no vermelho há dois anos consecutivos. Se formos ver o percentual de crescimento da dívida pública do país cresceu 67%. Estamos caminhando daqui a pouco para não ter volta. Precisamos estancar essa sangria que acontece com a economia do país e substituir essa crise por um momento em defesa do país.



Osmar Serraglio (PMDB)

Fui relator da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Correios (CPI) no Congresso Nacional. É claro que estou bastante decepcionado, porque mostramos para o país no relatório uma organização criminosa. Esta expressão não é minha, quem escreveu foi o Ministério Público Federal. O Procurador Geral da República os qualificou como uma organização criminosa que estava comandando o país. E quantos deles foram para cadeia? Nós esperávamos que isso fosse pedagógico, fosse um exemplo e se infundisse um pouquinho de temor. Ao contrário, parece que está na índole desse governo, que afundou o país, nos tomou de assalto e levou à falência. A única maneira é trocar esse pessoal todo, começar um tempo novo. Nós, do ambiente da agropecuária, sentimos mais do que ninguém o que significa ter um governo ideológico. Basta lembrar o cidadão (Aristides Santos, secretário da Contag) em frente a presidente da República incitando a violência e a invasão das propriedades. Em vez de ser preso em flagrante por estar cometendo um crime, o que a gente viu no final foram aplausos. Nós não aplaudimos quem não respeita a Constituição. Quem não respeita a Constituição precisa perder o mandato e é isso que nós vamos fazer.



Luciano Ducci (PSB)

Na sexta-feira o dia começou agitado e a mobilização continuou pela madrugada. Mas o grande dia foi domingo, quando todo o Brasil e os deputados ficaram mobilizados para que a gente fizesse uma bela votação para mudar toda essa situação de corrupção, recessão e desemprego. Essa bagunça, que antecedeu a votação, no Paraná, mesmo na sexta-feira, tivemos seis rodovias interditadas e a ameaça de invasão das fazendas dos deputados que integram a Frente Parlamentar da Agricultura (FPA). Enfim conseguimos dar um basta em tudo isso no domingo.



Leopoldo Meyer (PSB)

Se a gente pudesse tirar esse partido do governo por incompetência já teríamos tirado. Esse partido que tem feito tanto mal ao nosso país. Se tivéssemos a capacidade de tirar do poder um partido por corrupção e incompetência, ele já teria saído há bastante tempo. Todavia a lei permite tirar esse governo pelas pedaladas fiscais e por conta dos decretos assinados pela presidente Dilma. Mas certamente pelo posicionamento que os integrantes desse partido têm, acho que eles não vão entregar o poder ao vice-presidente facilmente.

COMO VAI SER AGORA?

A parte da Câmara Federal está resolvida. Agora, o processo de impeachment está nas mãos do Senado Federal, que é encarregado de julgar o mérito da questão. Até agora, a Câmara discutiu se o processo era ou não admissível. Veja como serão as próximas etapas.



CÂMARA

A Câmara comunica o resultado da votação à direção do Senado Federal



SENADO

Senado promove a leitura no Plenário



Senado cria uma comissão especial para conduzir os trabalhos.



1ª VOTAÇÃO

Se for aprovado em cada passo, o impeachment pode ser submetido ao plenário do Senado por até três vezes. Na primeira ocasião, os senadores receberão o parecer da comissão, que será lido na tribuna. Então todos os senadores votarão se o processo deve ou não ser aberto.



SIM

Nesta fase, a aprovação é por maioria simples (metade mais um dos parlamentares presentes). Se os senadores concordarem, Dilma será automaticamente afastada do cargo durante o período de até 180 dias. Se o processo não for concluído até esse prazo, a presidente reassume o cargo mesmo com a ação instaurada. Durante o afastamento, Dilma pode continuar morando nas residências oficiais (Palácio da Alvorada e Granja do Torto) e terá direito a metade dos vencimentos do cargo. Quem assume a presidência é o vice, Michel Temer.

1/2 + 1
dos senadores presentes



NÃO

Se os senadores não concordarem com a denúncia, o pedido é rejeitado e declarado extinto.



DEFESA

Se os senadores determinarem a instauração do processo, o caso volta à comissão especial. Haverá prazo para apresentação de defesa e para produção de provas. A comissão do impeachment, então, deve elaborar e votar um parecer sobre a denúncia, agora com foco no mérito: houve ou não um crime de responsabilidade?



STF NO COMANDO

Após a abertura do processo, todas as sessões do Senado que tratarem sobre o processo de impeachment devem ser presididas pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Ricardo Lewandowski.



2ª VOTAÇÃO

O parecer elaborado pela comissão deve ser publicado no Diário Oficial. Depois, vai a votação no Senado. Para ser aprovado, são necessários votos da maioria simples dos senadores. Se for rejeitado, o processo é arquivado e a presidente reassume o cargo.



SIM

Abre-se um prazo de cinco dias para recursos ao STF. Depois disso, a íntegra do processo é encaminhada aos denunciante e à presidente Dilma Rousseff, que terão 48 horas para apresentarem argumentos a favor da denúncia e defesa, respectivamente. As partes também poderão indicar testemunhas para o julgamento final.

1/2 + 1
dos senadores presentes



NÃO

O processo é arquivado e a presidente retorna ao cargo.

3ª VOTAÇÃO O julgamento final

Na sessão final, o plenário se converte em um colegiado onde os 81 senadores atuarão como juízes, dirigidos pelo presidente do STF. Haverá espaço para manifestações da defesa e da acusação. Caso deseje, a própria presidente pode pronunciar-se de viva voz. Os senadores terão de responder a seguinte pergunta: "Cometeu a acusada Dilma Rousseff o crime que lhe é imputado e deve ser condenado à perda do seu cargo?" A aprovação se dá por maioria qualificada, de dois terços dos 81 membros da casa legislativa – ou seja, 54 senadores.



SIM

Dilma Rousseff deixa definitivamente o cargo e perde os direitos políticos por oito anos.

2/3 do Total
de senadores



NÃO

A presidente retorna ao cargo.



Quanto demora?

Alguns prazos estão pré-definidos, outros não. Estima-se que a primeira votação possa ocorrer até o dia 11 de maio.



O que está sendo julgado

Dilma Rousseff está sendo processada por descumprir a Lei Orçamentária e por tomar empréstimo sem autorização do Congresso em 2015. São as chamadas "pedaladas fiscais", em que o governo autorizava que bancos oficiais fizessem repasses de recursos sem que o Tesouro Nacional enviasse às instituições financeiras dinheiro para cobrir essas despesas.



O que NÃO está sendo julgado

A presidente não está sendo processada por irregularidades ligadas à Operação Lava Jato nem por qualquer acusação de corrupção. Até o momento não há nenhum processo vinculando o nome da presidente às investigações sobre o pagamento de propinas na Petrobras.



FAEP leva mais de 1,5 mil a Brasília

Produtores rurais de todas as regiões do Estado foram à capital federal pedir o impeachment da presidente Dilma

Produtores e lideranças rurais de todas as regiões do Paraná participaram da manifestação em favor da aprovação do impeachment da presidente Dilma Rousseff em Brasília no último domingo (17). Com o apoio da FAEP, mais de 1,5 mil pessoas puderam ir até a capital federal, participar do movimento “Vamos tirar o Brasil da Lama – Impeachment Já Paraná”. Foram mais de 30 ônibus destacados pela Federação da Agricultura com apoio dos sindicatos ru-

rais que correram centenas de quilômetros para levar a mensagem do produtor paranaense - que não suporta mais ver seus ganhos dilapidados pela incompetência governamental e seu patrimônio ameaçado por ideologias que contaminam os mais altos escalões do país no governo do PT.

A FAEP deu toda assistência logística para que produtores e produtoras pudessem estar presentes nessa manifestação, com



toda segurança e comodidade possível. Algumas caravanas rodaram mais de 28 horas para pedir o impeachment da presidente. Quando chegaram ao interior de São Paulo, os ônibus paranaenses se somaram aos vindos do Mato Grosso do Sul e seguiram em comboio até Brasília.

Chegando na capital federal, eles se encaminharam ao Minas Brasília Tênis Clube, onde puderam tomar banho, descansar um pouco da viagem e se preparar para o ato cívico a seguir. Ainda pela manhã houve concentração na praça Portugal e após o almoço reuniram-se a produtores de outros Estados na esplanada dos Ministérios de onde acompanharam a votação do impeachment. Até o fechamento desta edição do Boletim Informativo, muitos ainda estavam na estrada, voltando para suas cidades de origem.

Tradição cívica

A participação dos produtores rurais paranaenses nas questões nacionais já se tornou tradição. Foram vários episódios em

que a FAEP, ciente do seu papel de representante político do setor rural, organizou a ida de agricultores e pecuaristas a Brasília para marcar posição.

Em 2011, durante a votação do projeto do novo Código Florestal, a Federação levou mais de 4 mil produtores paranaenses a Brasília. Na ocasião era preciso fazer pressão para que fosse observada a urgência na votação do substitutivo ao Código, uma vez que se aproximava o prazo dado pelo Decreto nº 7.029/09 para que os proprietários rurais averbassem suas Reservas Legais. Caso contrário eles seriam autuados pelos órgãos ambientais. Muitos teriam que deixar a atividade, e a agropecuária brasileira se tornaria inviável em muitas situações.

Outra grande manifestação promovida pela FAEP foi o “tratoração” de 2005, quando mais 1,5 mil produtores paranaense foram a capital federal reivindicar condições justas de produção, como garantia de preços mínimos e refinanciamento de dívidas com fornecedores de insumos. Na ocasião, os tratores ocuparam quatro setores da capital, houve atos cívicos e distribuição de alimentos.



IMPEACHMENT JÁ!

A FAEP MARCA PRESENÇA

Nas próximas páginas você vai ver algumas imagens dos produtores rurais que foram a Brasília demonstrar a posição do campo paranaense sobre o processo de impeachment.

















Conservar para produzir

Semeadura de contorno é uma das mais antigas e eficazes ferramentas para preservar a terra

Por Hemely Cardoso



Hoje, não faltam tecnologias para que o produtor preserve e cuide do seu maior bem: a terra. O Sistema de Plantio Direto (SPD), a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF), recuperação de pastagens degradadas, terraceamento, curvas de nível são alguns dos sistemas utilizados na preservação do solo. Na edição 1336 do Boletim Informativo, informamos sobre a finalidade dos canais vegetados, também conhecidos como canais escoadouros, que possuem a função de receber água dos terraços e destinar até os rios o excesso de água de chuva, sem provocar a erosão.

Entre as diversas tecnologias para combater esse processo de desagregação, está a semeadura em contorno, uma das mais antigas e eficaz ferramenta para a preservação do solo. O pesquisador e doutor em manejo de solos, José Eloir Denardin, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Trigo (RS), explica que as linhas de semeadura, dispostas transversalmente ao sentido do

declive, criam barreiras ao livre escoamento da enxurrada, propiciando maior infiltração de água no solo. “Linhas de semeadura dispostas morro acima ou morro abaixo orientam o fluxo da enxurrada para o sulco de semeadura que aumenta sua energia de dispersão e arraste. A semeadura morro acima ou abaixo é a principal causa de erosão hídrica que ocorre no plantio direto”, destaca.

Segundo ele, a eficácia da semeadura em contorno para controlar a erosão hídrica pode ser superior à própria cobertura do solo. “Se compararmos com a semeadura morro acima ou abaixo, essa tecnologia reduz em mais de 50% as perdas de água e solo por erosão”, comenta Denardin.

Além desses problemas, de acordo com o pesquisador, o sistema de distribuição de adubo das semeadoras perde cerca de 45% de precisão quando opera morro acima ou abaixo. “Ao subir, a dose de adubo aumenta em cerca de 15% e ao descer cai em cerca de 30%”, complementa.

Práticas conservacionistas

O pesquisador lembra ainda que o produtor rural está deixando de fazer “o feijão com arroz” no SPD e o processo de degradação de solos vem aumentando ano a ano. Mesmo diante do crescimento da área manejada com essa tecnologia, que totaliza cerca de 26 milhões de hectares em todo o país, os produtores estão abandonando algumas práticas conservacionistas na implementação do SPD. “A retirada de terraços e curvas de nível, assim como a falta de rotação de culturas, são algumas das práticas que muitos produtores estão deixando de fazer. Bato na questão da diversificação de culturas porque são as plantas, através do sistema radicular, que promovem a manutenção da infiltração da água no solo. As raízes das plantas ao se decomporem, abrem canais e poros no solo, facilitando a infiltração de água e o desenvolvimento das raízes dos próximos cultivos”.

Quando se trata da gestão desse importante recurso no manejo do solo, Denardin explica a diferença entre a água boa, que se infiltra e traz benefícios, e a água ruim, que escoar sobre o solo levando nutrientes embora e provocando prejuízos. “Essa água leva embora matéria orgânica, corretivos, adubos e outros insumos para os rios e lagos e polui o ambiente. Não nutre as plantas e nem abastece o lençol freático, as nascentes e os poços rasos e profundos”.



José Eloir Denardin, da Embrapa Trigo (RS)

O pai da conservação

O Dia Nacional da Conservação do Solo é comemorado no dia 15 de abril. A data foi escolhida em homenagem ao nascimento do americano Hugh Hammond Bennett, considerado o pai da conservação dos solos nos Estados Unidos e o primeiro responsável pelo Serviço de Conservação de Solos daquele país.

Este dia foi instituído pela Lei nº 7.876 em 13 de novembro de 1989, por iniciativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), e surgiu com o objetivo de aprofundar os debates sobre a importância do solo como um dos fatores básicos da produção agropecuária e a necessidade de seu uso e manejo sustentáveis.

Hugh Bennett nasceu no dia 15 de abril de 1881, no Estado da Carolina do Norte onde aprendeu com seu pai a importância da conservação do solo no cultivo de algodão. Em 1903 formou-se na Universidade da Carolina do Norte, onde se especializou em geologia e química, nesse mesmo ano ingressou no Departamento de Solos do USDA. O seu primeiro trabalho foi mapear e classificar os solos de Davidson County, no Estado de Tennessee.

Enquanto conduzia os levantamentos de solo e investigava uma produtividade decrescente, ele se convenceu de que a erosão do solo era um problema não só dos produtores, mas também das economias rurais. Entre 1909 a 1930 supervisionou levantamentos de solo no Sul os Estados Unidos, assim como na Costa Rica, Alasca, Cuba, além de servir na Comissão de Divisões entre a Guatemala e Honduras. Entre um trabalho e outro, Bennet se tornou uma referência e liderou o movimento de conservação de solos nos Estados Unidos.

Gestão e produção

Seminário estimula mudanças de mentalidade na propriedade



No último dia 13 de abril, o Grupo Folha, em parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR, promoveu o “Seminário Pecuária Moderna: de criador de gado a produtor de carne” durante a 56ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (ExpoLondrina 2016). O evento foi realizado no Auditório Milton Alcover, no Parque de Exposições Governador Ney Braga, e teve patrocínio da construtora Vectra, governo estadual, Cooperativa Integrada e Scredí, e apoio da Sociedade Rural do Paraná (SRP).

Durante o seminário, o presidente do Sindicato Rural de Guapuva e coordenador do Comitê Gestor do Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte no Paraná, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, destacou que várias regiões do Paraná têm uma pecuária eficiente, rentável e de primeiro mundo. “O que precisamos é transferir essa informação, essa tecnologia a todo o setor produtivo”, observou.

Segundo ele, a pecuária paranaense pode avançar a produtividade com a melhoria de índices zootécnicos e qualidade das

pastagens, contribuindo com uma remuneração maior na atividade. “Nós temos condições de produzir carne de qualidade, com uma boa gestão da propriedade”, avaliou.

Durante o evento, o presidente da SRP, Moacir Sgarioni, disse que a “pecuária moderna” começou no Paraná em meados de 1960, com a importação de gado nelore da Índia. “Na década de 1980 já se falava em adubação de pastagem, depois vieram os cruzamentos industriais, Londrina foi pioneira”, lembrou Sgarioni.

Palestras

A palestra magna do evento foi ministrada pelo gestor de projetos de sustentabilidade da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), Gilson Spanemberg. O seminário continuou com a apresentação de três painéis que discutiram desde a recuperação de pastagens, passando pela co-

mercionalização de carne de qualidade por meio de cooperativas e a importância do planejamento para a gestão eficiente da atividade.

Em seguida foram apresentados painéis sobre diferentes temas importantes para a modernização da pecuária paranaense. O primeiro foi realizado pelo coordenador técnico do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), o engenheiro-agrônomo Elir de Oliveira, que apresentou os benefícios da reforma e recuperação de pastagens em áreas declivosas e convencionais. Segundo ele, o sistema de Integração Lavoura Pecuária ainda está como a melhor alternativa para incrementar a produtividade e melhorar a rentabilidade da pecuária de corte no Paraná. “Tudo depende de um manejo bem feito da pastagem”, sugeriu Oliveira, destacando que é a favor da “desbrotização” do pasto.

Outro palestrante foi Geraldo Moreli, mestre em produção animal do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), que destacou que a ideia é otimizar o processo produtivo na produção de novilho precoce, com planejamento alimentar e manejo adequado na propriedade. “Isso evita o chamado efeito boi sanfona, em que o animal ganha peso no verão e perde no inverno, prejudicando o processo produtivo. Ele também apresentou a política de remuneração diferenciada e o processo de gestão da qualidade do produto da cooperativa.

A programação do seminário seguiu com a palestra do engenheiro-agrônomo José Renato Silva Gonçalves, MBA em agronegócios e mestre em ciência animal e pastagens pela Universidade de São Paulo (USP). Na ocasião, ele apresentou os resultados da produção pecuária na Fazenda Figueira, em Londrina, pertencente à Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), de Piracicaba (SP). A propriedade passou de fazenda problema a modelo na região. José Renato apresentou as estratégias de melhorias adotadas, embasadas em resultados cientificamente comprovados.

Segundo José Renato, “o preço final da arroba não significa rendimento ao produtor. É preciso investir na propriedade e conhecer a margem de lucro. Isso se faz quando a arroba está valorizada, assim diminui a necessidade de abate de matrizes”.

Após os painéis foi promovido um debate com a participação dos palestrantes, mediado por jornalistas do Grupo Folha. Na sequência houve uma degustação de carnes nobres, promovida pelo Sindicato Rural de Londrina. O evento reuniu cerca de 250 pessoas, entre técnicos agrícolas, médicos-veterinários, zootecnistas, engenheiros-agrônomos, pecuaristas, estudantes e professores universitários.

(Com informações da Folha de Londrina)

PECUÁRIA MODERNA



PLANO INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO DA BOVINOCULTURA DE CORTE

Plano Pecuária Moderna

O Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte no Paraná foi lançado pelo governo estadual em agosto do ano passado. O plano com a participação do Sistema FAEP/SENAR-PR e outras instituições afins envolvem todos os segmentos da cadeia produtiva.

A autossuficiência na produção de bezerros, sanidade animal, como uma área livre de febre aftosa sem vacinação, a melhoria de índices zootécnicos e qualidade das pastagens, além de uma remuneração maior na atividade, fazem parte das propostas que contemplam o plano.

Repetindo maus momentos

Aumento da oferta derruba preços, reproduzindo cenário registrado em 2012



Celso Doliveira

Médico-veterinário
do Departamento
Técnico Econômico
DTE-FAEP



Segundo cálculos do Valor Bruto de Produção (VBP) de 2014 do Departamento de Economia Rural da Secretaria de Agricultura e Abastecimento Seab/Deral, a suinocultura de corte no Paraná teve um aumento de 2% de sua produção, comparando-se com o ano de 2013.

Abaixo segue a tabela com os 20 municípios maiores produtores de suínos do Paraná em 2014, responsáveis por 60% da produção do Estado. Esses municípios devem se manter no levantamento de 2015 com poucas variações. Observa-se uma importante concentração da produção nas regiões Oeste e Centro-Oriental do Estado, onde também estão localizadas as principais agroindústrias do setor.

Distribuição do Valor Bruto de Produção da Suinocultura nos principais municípios produtores do Paraná

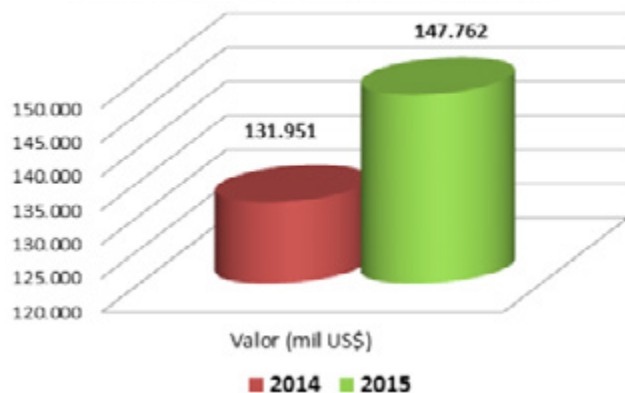
Município	Valor	Classificação
Toledo	R\$ 708.915.934,18	1
Marechal Cândido Rondon	R\$ 285.616.311,61	2
Nova Santa Rosa	R\$ 174.394.997,26	3
Entre Rios do Oeste	R\$ 131.570.967,47	4
Castro	R\$ 126.602.520,97	5
Santa Helena	R\$ 121.914.888,24	6
Arapoti	R\$ 108.392.244,19	7
Maripá	R\$ 88.000.865,95	8
Medianeira	R\$ 87.623.899,80	9
Piraí do Sul	R\$ 623.899,80	10

Os números ainda refletem o bom momento que a suinocultura viveu naquele ano em que os preços estiveram nos melhores patamares dos últimos anos.

Exportações

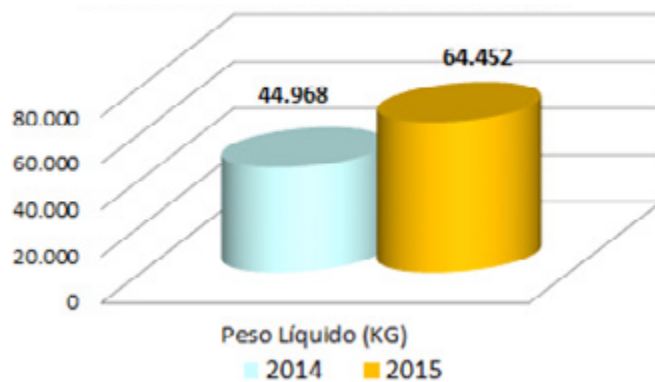
Os gráficos e a tabela abaixo ilustram os crescimentos expressivos das exportações de carne suína em 2015 em relação a 2014, tanto em volume quanto em valores. O faturamento com as exportações a indústria frigorífica aferiu um crescimento de 12% em 2015 em relação a 2014.

Comparação das exportações de Carne Suína do Paraná entre 2014 e 2015 em milhões de US\$



O aumento foi ainda mais expressivo quando se olha para os volumes. Em 2015, as quase 65 mil toneladas representaram um crescimento de 43% em relação a 2014.

Comparação das exportações de Carne Suína do Paraná entre 2014 e 2015 em toneladas



O preço médio pago por tonelada de carne suína exportada (em dólares, portanto) teve uma redução 22% em relação a 2014. Essa redução foi amortizada pelo alto valor da moeda americana no câmbio nacional praticado em 2015.

A tendência de alta das exportações vem se acentuando também no primeiro bimestre de 2016, demonstrando que o setor está aquecido no Paraná, apesar das dificuldades dos produtores. A tabela abaixo demonstra um crescimento de mais de 50% no volume e de mais de 35% em valores exportados comparando-se o 1º bimestre de 2015 e de 2016 no Paraná. Observa-se também que esta variação do crescimento das exportações do Estado em valor e em volume foi superior à média da região Sul e do Brasil. Este aumento de comercialização no mercado externo cuja participação subiu de 7,5% em 2014 para 9,5% em 2015 significou um crescimento de 27% em volume exportado.





Quadro Comparativo das Exportações de Janeiro e Fevereiro de 2015 e 2016 de Carne Suína do Paraná, Região Sul e Brasil e Respectivas Variações Percentuais

Ano	2015		2016		Variação	
REGIÃO	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Peso (Kg)	Valor (US\$)
BRASIL	137.901.206	54.234.727	164.168.325	97.597.336	44,4%	16,0%
REGIÃO SUL	112.569.861	44.111.236	129.089.922	75.664.884	41,7%	12,8%
PARANÁ	14.329.924	5.582.299	22.249.230	11.767.904	52,6%	35,6%

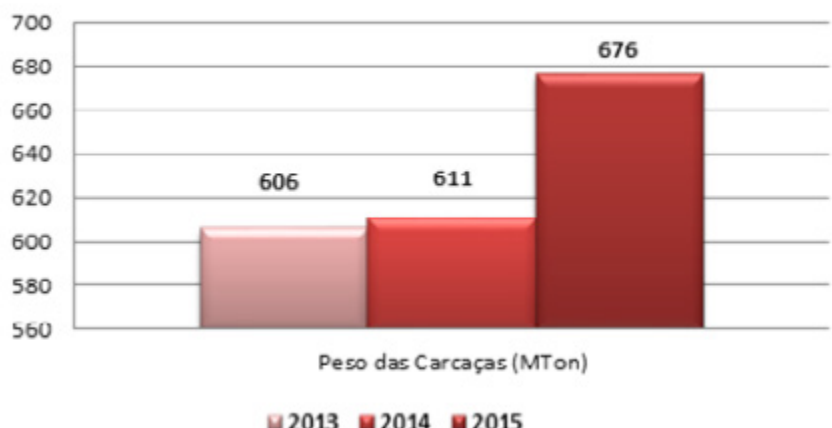
Apesar das exportações paranaenses terem tido esse expressivo crescimento, elas representam menos de 10% da produção do Estado.

Mercado Interno

A produção da carne suína teve um crescimento em 2015 de 10,6% em relação a 2014. Certamente este crescimento teve como principal destino o mercado interno, que devido ao efeito substituição da carne bovina, cujos preços cresceram muito no último ano.

As iniciativas da indústria da carne suína nas estratégias de marketing para apresentar seus produtos em cortes nobres temperados embalados a vácuo, associado a campanhas publicitárias ressaltando as qualidades da carne suína, têm surtido efeito positivo nos apreciadores de carnes nobres nos churrascos de final de semana contribuindo no aumento do consumo per capita e no incremento da demanda.

Comparação das exportações de carne suína do Paraná entre 2014 e 2015 em toneladas



No ano de 2015, a participação paranaense na produção brasileira de carne suína atingiu a marca dos 19,7%. No passado, essa marca havia sido atingida apenas em 2012, com 19,8% da produção em relação ao Brasil. Esse aumento de produção parece contribuir com os baixos preços praticados ao produtor. Vale lembrar que, 2012, a suinocultura nacional passou pela maior crise da atividade dos últimos anos. Neste momento a história se repete, com o aumento da oferta de suínos derrubando

os preços aos produtores.

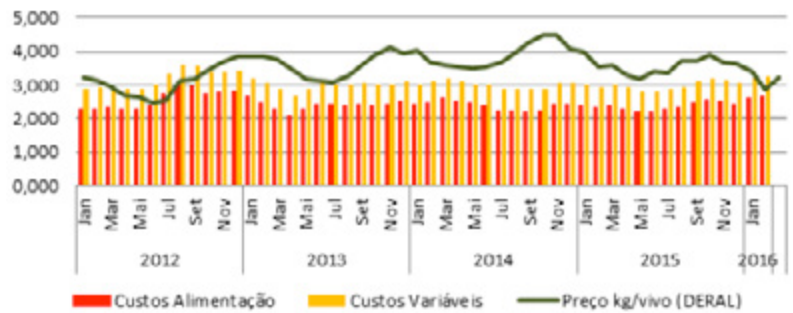
A média de preço praticada em 2014 somente atingiu valores semelhantes em 2010, comparando-se os valores deflacionados. Estes preços do kg/pv associados a custos de produção relativamente estáveis construiu-se um quadro favorável à suinocultura em 2014. Entretanto esses preços do kg de peso vivo de suíno e dos custos de produção não se mantiveram em 2015 e nesses primeiros meses de 2016. Apesar dos recordes de produção, abate e exportação, em 2015 e neste início de 2016 a suinocultura paranaense está passando por um momento muito difícil.

Sazonalidade e custos de produção

O gráfico abaixo discrimina o comportamento dos preços pagos aos produtores, os custos variáveis e com alimentação e demonstram claramente a tendência desta crise se repetir neste 1º semestre do ano de 2016. Observa-se que historicamente os resultados do segundo semestre de 2013 e o ano de 2014, foram dos melhores momentos para a suinocultura nos anos recentes. Comparando-se o número de matrizes alojadas em 2012 e 2014 observa-se uma redução de 15% o que contribuiu com os melhores preços praticados em 2014.

Segundo dados do Departamento de Economia Rural da Seab-Deral os preços praticados neste 1º trimestre de 2016 atingiram níveis ainda menores que comprometem o fluxo de caixa dos produtores. Estes preços estão abaixo dos custos variáveis de produção podendo comprometer o pagamento dos custos com alimentação em alguns casos. Esta situação pode inviabilizar a rentabilidade da atividade no longo prazo e esse efeito é mais intenso nos produtores independentes, fundamentais para o equilíbrio mercadológico da cadeia produtiva.

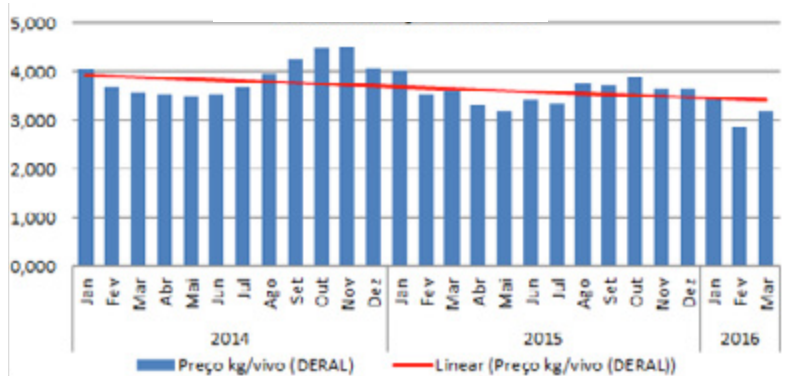
Comparação das exportações de carne suína do Paraná entre 2014 e 2015 em toneladas



O gráfico abaixo demonstra o comportamento dos preços pagos ao suinocultor deflacionados pelo IGP DI nos últimos dois anos e percebe-se claramente essa tendência de baixa dos preços que preocupa os empresários da suinocultura. Historicamente os preços praticados no primeiro semestre de cada ano são menores por corresponder aos meses mais quentes do ano, época em que o consumo tende a diminuir. Em condições normais, os meses mais frios do ano aumentam a demanda por carne suína e seus derivados e esta tendência de alta se mantém até dezembro em função das festas de final de ano.

Comparando-se os preços do 1º Semestre de 2015 em relação ao de 2014 observa-se uma redução de 4%, no 2º semestre de 2015 em relação ao de 2014 esta tendência de baixa dos preços se acentuou com uma redução de 12%. Os preços praticados no 1º trimestre de 2016 em relação ao mesmo período de 2015 reduziram ainda mais, 15% na média dos preços pagos aos produtores.

Comparação das exportações de carne suína do Paraná entre 2014 e 2015 em toneladas





Pior do que está não fica

Há uma tendência de um quadro mais otimista para o segundo semestre, pelo menos no que diz respeito ao preço do milho no mercado internacional e no mercado interno, com a perspectiva de uma “safrona” – ainda que seja necessário observar as condições climáticas para confirmar se esses resultados serão realmente alcançados. Se essas estimativas se confirmarem, as tensões de preços provocadas pelos baixos estoques devem aliviar, o que tende a se traduzir por redução nos custos de produção do suíno e melhora na rentabilidade do produtor.

Quanto aos preços da carne suína, historicamente no segundo semestre, tendem a melhorar com a chegada do inverno e das festas de final de ano reintroduzindo a atividade num ciclo positivo.

Por outro lado o anúncio de investimentos em novas indústrias no Estado indica otimismo do setor industrial, a perspectiva da abertura de novos mercados tanto interno quanto externo. Entretanto se não houver uma política de controle mais eficiente do número de matrizes alojadas justamente calculados aos aumentos de demanda, estes ciclos históricos de crise na suinocultura devem continuar no médio prazo.

Imaginar um quadro de estabilidade de preços do kg de suíno vivo pago ao produtor e a mitigação dessas crises cíclicas depende, entre outras medidas, de uma política que discipline o alojamento de matrizes de acordo com a justa flutuação da demanda da carne suína.

As recentes notícias da autorização do Conselho Monetário Nacional para a liberação de créditos de custeio para manutenção de matrizes de R\$ 1,2 milhão para R\$ 2,4 milhões por produtor, e a redução da alíquota de ICMS de 12% para 6% no Paraná são medidas que certamente trarão alívio neste momento de crise.

Entretanto, o que aquece de forma consistente e sustentável a atividade é o aumento da demanda, seja pela abertura de novos mercados externos, seja pelo incremento de consumo no mercado interno. Por outro lado um melhor controle da oferta ajustados a estes incrementos de demanda é fundamental. E o caminho para estabelecer um fórum de diálogo entre o Setor Industrial e produtivo para o desenvolvimento de políticas do tipo ganha-ganha entre os elos da cadeia talvez seja o desafio mais urgente para o setor.

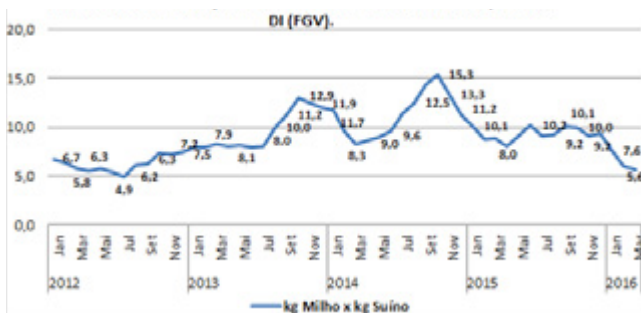
Combinação perversa

Como se não bastasse a queda dos preços do quilograma do suíno vivo a patamares comprometedores no final de 2015 e no primeiro trimestre de 2016 o quadro de crise se acentuou pela alta dos preços da saca de milho.

A tabela abaixo demonstra a relação de troca de um quilograma de suíno vivo por quilogramas de milho, principal ingrediente da alimentação da suinocultura industrial. Esta relação de 5,6 kg de milho por kg de suíno vivo, atingida no mês de março de 2016, só se igualou na forte crise de 2012 em que chegou ao nível ainda menor de 4,9 kg de milho por kg de suíno, momento em que vários suinocultores abandonaram a atividade.

Esta combinação de baixa do preço do suíno com a alta do milho se configura num quadro preocupante para toda a cadeia produtiva, mas especialmente para os produtores independentes que têm mais dificuldade em adotar estratégias para mitigar tais riscos.

Comparação das exportações de carne suína do Paraná entre 2014 e 2015 em toneladas



E o imposto baixou!

O Sistema FAEP/SENAR-PR pressionou, e o governo reduziu o ICMS sobre os suínos vivos



O governador Beto Richa assinou no dia 12 de abril decreto que reduziu de 12% para 6% a alíquota de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no comércio estadual e interestadual de suínos vivos. A medida tem caráter temporário e visa dar competitividade aos suinocultores independentes do Estado. Eles estão perdendo mercado para Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que já reduziram a alíquota para aliviar o setor dos impactos da elevação do custo de produção com a alta acentuada no preço do milho, principal insumo para a suinocultura.

A medida atende à pressão da FAEP, preocupada com a perda de competitividade do setor. Rio Grande do Sul e Santa Catarina reduziram a alíquota de ICMS também para 6% e, desde então, aumentou o ingresso de animais vivos no Paraná, represando a produção local diante da vantagem comparativa concedida aos suinocultores dos estados vizinhos. A demanda surgiu na primeira reunião da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP, realizada no início de março em Curitiba. O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Menequette, levou pessoalmente o ofício com a solicitação ao governador. A reivindicação foi encaminhada em conjunto com a Associação Paranaense de Suinocultores (APS).

Desde que foi alertado sobre esse quadro, o secretário da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, Norberto Ortigara, solicitou à Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) que monitorasse o ingresso de suínos vivos oriundos dos outros Estados do Sul. Ao constatar o aumento do trânsito de animais e a consequente queda nos preços pagos ao produtor paranaense, a Secretaria da Agricultura comunicou o governador sobre a situação, que adotou a medida, solicitando à Secretaria da Fazenda a edição do decreto.

Segundo Ortigara, a medida deverá valer enquanto essa mesma redução vigorar nos dois outros Estados do Sul. Isso ajudará a escoar a produção paranaense e diminuirá a pressão de oferta

sentida pelos suinocultores independentes, que correspondem a cerca de 20% dos produtores que trabalham em escala comercial.

Eles enfrentam o aumento no preço do milho, que ocorre desde o segundo semestre do ano passado, e não conseguem repassar a elevação dos custos de produção. “O que os produtores querem é somente a igualdade de mercado”, disse o secretário.

De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab), o Paraná é o terceiro produtor nacional de carne suína. Foram 676,2 mil toneladas em 2015, que representa 19,7% da produção brasileira. Com 135 mil criadores de suínos no Paraná, sendo 30 mil deles em escala comercial, a atividade gera um Valor Bruto de Produção (VBP) de R\$ 4,4 bilhões em 2014, que representa 6,2% do VBP do Estado. Hoje os suinocultores entregam a produção aos abatedouros por R\$ 3,00 o quilo (peso carcaça), quase o custo de produção. No segundo semestre de 2015, eles recebiam mais, R\$ 3,35 na entrega do suíno vivo. Os produtores também enfrentam a alta no preço do milho, principal insumo para a suinocultura, que subiu 57% de março de 2015 a março deste ano. Atualmente, pagam em torno de R\$ 37,00 por saca de milho.

Os políticos e a verdade

Um candidato a um cargo importante ficou muito irritado com um artigo que o jornal de sua cidade escreveu a seu respeito. Nervoso, pediu que a secretária marcasse uma visita ao diretor do periódico. No horário marcado, entrou na redação com o jornal nas mãos e uma cara raivosa.

— Vocês sabem muito bem que tudo isso aqui é mentira! — exclamou.

— Pois mesmo assim o senhor não tem razão para reclamar — devolveu o autor da matéria. — Imagine como seria pior se eu tivesse falado a verdade!

+++++

Em um discurso, o deputado fala com orgulho sobre a sua carreira:

— Corrupção não! Por estes bolsos nunca passou dinheiro desonesto!

Nisso, um gaiato na plateia grita:

— Tá bonito, hein? Comprou terno novo!

Ouro líquido

Para os adeptos das dietas, o azeite de oliva é considerado uma espécie de ouro líquido, por ser uma gordura benéfica para o corpo. Contém

vitamina E, ácidos graxos monoinsaturados e substâncias capazes de prevenir problemas cardiovasculares e diminuir o colesterol ruim. O bom mesmo, dizem, é o óleo extravirgem, com menos acidez e maior quantidade de nutrientes. Só não abuse da quantidade: uma colher de sopa contém, em média, 108 calorias.



Elétrico



O nome da cidade de Ampére, no Sudoeste do Paraná, vem de um dos rios “elétricos” da Bacia do Iguaçu. Ampére é uma medida de intensidade de corrente elétrica, batizada em homenagem ao físico francês André-Marie Ampère (na imagem). Na hidrografia da vizinhança há outros nomes derivados da eletricidade, dados pelo Grupo Executivo de Terras do Sudoeste do Paraná (Getsop), formado nos anos 1960, assinalando o potencial da região para geração de energia hidrelétrica. Além do Ampére, há o Siemens (nome de uma companhia alemã de equipamentos elétricos) e o salto Faraday (homenagem ao cientista britânico Michael Faraday).

Mar distante

Relatos antigos mostram que quando foi construído, o castelo de Harlech, na costa do País de Gales (na Grã-Bretanha) abria seus portões diretamente para o mar – assim, em uma situação de guerra, os soldados poderiam receber suas provisões pela via marítima. Quem visita o local hoje, vê que a praia mais próxima se encontra a um quilômetro de distância. Os geólogos explicam que a ilha onde ficam País de Gales, Inglaterra e Escócia está se reequilibrando. Durante a última Era do Gelo, cerca de 8 mil anos atrás, o peso da camada de gelo fez com que o Norte e o Oeste da ilha afundasse e o Sul se mantivesse mais alto. Com a elevação das temperaturas, o gelo derreteu e um processo inverso passou a ocorrer, como se a ilha fosse uma gigantesca gangorra. Assim, o mar foi se distanciando do castelo.





Verdinho!

A Dirce encontrou esse grilo verdinho e não resistiu: tirou essa bela foto. Parabéns, Dirce!

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Trabalho sujo

Ser arqueólogo deve ser mais ou menos como ser agricultor: você não consegue resultados sem sujar as mãos de terra. Mas um grupo de pesquisadores de diversos países está indo mais longe: está escavando os Alpes, no Norte da Itália, em busca de grandes depósitos de cocô.

Os arqueólogos querem encontrar vestígios da passagem do general cartaginês Aníbal, que impôs terríveis

derrotas ao exército romano por volta do ano 210 antes de Cristo. Em uma das manobras mais ousadas da História, Aníbal cruzou as montanhas com 30 mil soldados, 15 mil cavalos e 57 elefantes, surpreendendo as defesas romanas. Ninguém conhece a rota usada pelos cartagineses nesse ataque. Por isso o interesse dos pesquisadores: se eles conseguirem encontrar caca de elefante no alto das montanhas italianas, terão nas mãos sujas uma das maiores descobertas dos últimos 2 mil anos.

Foi Seu Cabral?

Quem descobriu o Brasil?

Todos aprendemos que foi Pedro Álvares Cabral e sua frota, em 22 de abril de 1500 – 516 anos atrás, portanto. Mas há controvérsias. Veja algumas das teorias que foram formuladas nos últimos anos:

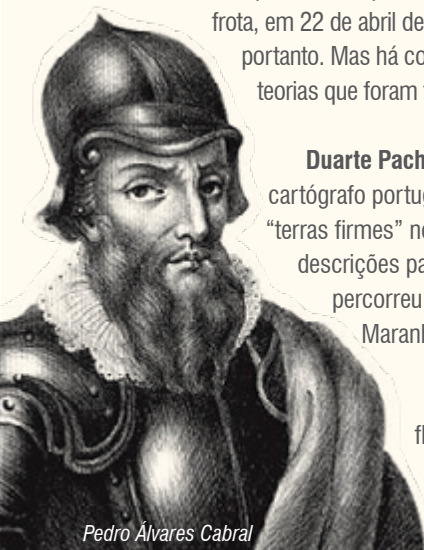
Duarte Pacheco Pereira – O navegador e cartógrafo português afirmou ter encontrado “terras firmes” no Ocidente, em 1498. Suas descrições parecem dar a entender que ele percorreu a costa do que hoje são o Maranhão e o Amazonas.

Américo Vespúcio – O florentino Vespúcio pode não

ter sido o primeiro europeu a aportar no Novo Mundo, mas certamente fez melhor seu marketing: é de seu nome que deriva o nome “América”. A convite dos reis de Portugal e da Espanha, ele fez várias viagens à América do Sul entre 1499 e 1504, percorrendo praticamente toda brasileira.

Vicente Yáñez Pinzón – Um dos capitães que acompanharam Cristóvão Colombo em sua primeira viagem às Américas, Pinzón teria aportado no litoral de Pernambuco em 26 de janeiro de 1500, três meses antes de Cabral.

Fenícios – Especulações apontam que navegadores fenícios poderiam ter chegado ao Brasil mais de 500 anos antes de Cristo. Os defensores dessa teoria apontam para inscrições no Rio de Janeiro e na Bahia, que teriam sido encontradas em meados do século XIX. Pesquisadores atuais apontam que essa controvérsia foi criada numa tentativa de criar uma identidade nacional para o império brasileiro.



Pedro Álvares Cabral

O TESTE DA LOIRA

Uma loira foi fazer um teste de História. Veja abaixo quais foram as perguntas e as respostas que ela deu.

1. Quanto tempo durou a guerra dos 100 anos?

- a) 116
- b) 120
- c) 100
- d) 150

Loira: Muito difícil, vou pular essa.

2. Em que país é fabricado o chapéu panamá?

- a) no Brasil
- b) no Chile
- c) no Panamá
- d) no Equador

Loira: Vou pedir ajuda aos universitários.

3. Em que mês os russos comemoram a revolução do outubro vermelho?

- a) janeiro
- b) setembro
- c) outubro
- d) novembro

Loira: Não tenho certeza, vou pular.

4. Qual era o primeiro nome do rei George VI?

- a) Éder
- b) Albert
- c) George
- d) Manoel

Loira: Essa eu não sei mesmo...

5. As Ilhas Canárias, no Oceano Atlântico, têm seu nome derivado de qual animal?

- a) canário
- b) urubu
- c) cachorro
- d) rato

Loira: Ai, meu Deus...

6. Quanto tempo durou a guerra dos 30 anos?

- a) 25
- b) 30
- c) 31
- d) 29

Loira: Vou parar!

ATENÇÃO!!!

Se você se acha esperto(a) e riu das reações da loira, confira as respostas corretas abaixo:

1. A guerra dos 100 anos durou 116, anos de 1337 a 1453.
2. O chapéu panamá é fabricado no Equador.
3. A revolução de outubro é comemorada em novembro.
4. O primeiro nome do rei George VI era Albert. Em 1936 ele atendeu a um desejo da rainha Vitória e mudou de nome.
5. As Ilhas Canárias têm seu nome tirado do cachorro. O nome latino é "Insularia Canaria", que em latim significa Ilha dos Cachorros.
6. A guerra dos 30 anos durou 30 anos mesmo. Essa foi só pra você não tirar zero e perder o estímulo...

Moral da história: Rir dos outros é fácil, mas estar no lugar deles e fazer tudo certo, aí sim, é difícil. Aprendeu?



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Falecido
- Desconhecido
- Ausente
- Recusado
- Não procurado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br